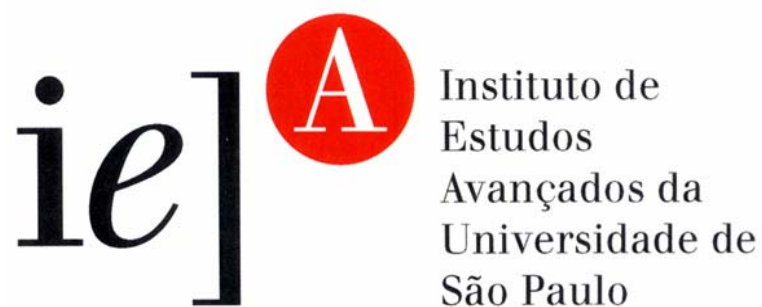


# Hong Kong: Metr pole Chinesa e Cidade Global

*Amaury Porto de Oliveira*



Texto disponível em [www.iea.usp.br/artigos](http://www.iea.usp.br/artigos)

As opiniões aqui expressas são de inteira responsabilidade do autor, não refletindo necessariamente as posi es do IEA/USP.

# Hong Kong: Metr6pole Chinesa e Cidade Global

*Amaurv Porto de Oliveira*

Meu ponto de partida, nesta reflex6o, e o registro de um s6rio v6cio de percep6o - da parte de pol6ticos, analistas e m6dia ocidentais - quanto ao efetivo valor de Hong Kong (HK) para a Rep6blica Popular da China (RPC). Cria-se, assim, todo um leque de expectativas equivocadas, no momento do retorno do territ6rio 6 soberania chinesa. A opini6o p6blica internacional vem sendo preparada para julgar a RPC, consoante se comporte ela diante do modelo de democracia e de liberalismo econ6mico que seria HK.

A verdade, por6m, 6 que durante quase um s6culo e meio n6o existiu em HK qualquer forma de democracia representativa. Col6nia brit6nica, seu governador era escolhido administrativamente em Londres, e tudo marchava no territ6rio sob o controle imperial do Secret6rio de Estado brit6nico para a Guerra e as Col6nias. Foi s6 em 1985, na esteira do acordo sino-brit6nico para a revers6o de HK 6 China, assinado em 1984, que uma parcela minorit6ria do Conselho Legislativo passou a ser escolhida em elei66es indiretas. Tornara-se oportuno criar institui66es locais capazes de assumir o papel reservado a HK na f6rmula proposta por Deng Xiaoping, de "um pa6s, dois sistemas".

No tocante ao sistema econ6mico vigente em HK, sua natureza foi profundamente alterada nos 6ltimos tr6s lustros, sob influ6ncia direta da China. Meu principal prop6sito, aqui, e precisamente reconstituir em tra6os largos essa transforma66o da economia de HK, posta a servi6o das Quatro Moderniza66es impulsionadas pelo reformismo chin6s. E por inesperado que isso possa parecer, pretendo acompanhar a evolu66o hist6rica de HK em paralelo com a de Xangai. H6 v6nculos estreitos entre os papeis que v6m tendo essas duas cidades, no processo de integra66o da velha China na economia mundial moderna.

Elas foram associadas quase simultaneamente a tal processo. A ilha de HK foi cedida 6 Gr6-Bretanha em 1842, no quadro do Tratado de Nanquim, que p6s fim 6 Primeira Guerra do 6pio. Em 1844, instalou-se em Xangai a primeira das concess6es, encraves territoriais onde faziam a lei os C6nsules estrangeiros. Usando HK como ponto de apoio e servindo-se das concess6es, as pot6ncias ocidentais (Fran6a e EUA assegurar-se-iam direitos iguais aos da Gr6-Bretanha) imporiam seu controle sobre o com6rcio internacional da China, atrav6s de um duplo sistema de trocas. Havia o com6rcio legal, regido pela cl6usula da na66o mais favorecida e formalizado pelo Tratado de Tianjin (1860), que p6s

fim a Segunda Guerra do ópio. E havia o comércio ilegal do ópio: navios ingleses e americanos traziam a droga até o largo da costa chinesa, passando-a ali para as chalupas dos contrabandistas.

A Grã-Bretanha ocupou HK, ilha inóspita e pouco povoada, mas dotada do melhor ancoradouro de águas profundas da costa chinesa, como objetivo precípua de estabilizar sua preponderância comercial na região. Os comerciantes ingleses já dominavam a área desde o final do século XVIII, mas tendo de operar através do porto de Cantão, sob as injunções dos costumes locais e da legislação imperial. HK liberou-os de tudo isso, e a ilha ia florescer como o grande entreposto para trocas de todo tipo entre o mercado internacional e o mercado doméstico chinês. Grandes casas comerciais, como a famosa Jardine Matheson, ocupariam a cena, coadjuvadas pelo Hongkong and Shanghai Bank Corporation, fundado em 1865 e que é hoje um dos maiores bancos mundiais, com a sede transferida para Londres. Afora seu papel como entreposto comercial, HK foi durante um século o importante no colar de bases navais que asseguravam a ascendência mundial da Esquadra Britânica.

Xangai evoluiu bem mais rápido do que HK para a posição de centro urbano típico da propagação, até a remota China, das inovações européias da I Revolução Industrial. É importante acentuar que, embora o sistema das concessões fosse o veículo e o acicate da modernização, o processo modernizador apresentou, desde o início, características nitidamente chinesas. A população estrangeira do enclave cresceu cerca de 2.000 indivíduos, nos anos 40 do século passado, para o ápice de 36.000 nos anos 30 deste século, mas sempre sobrepajada pelo afluxo de migrantes internos, que às vésperas da Primeira Guerra Mundial já fizera de Xangai uma cidade de 4 milhões de habitantes.

Dois importantes componentes locais da modernização de Xangai merecem ser postos em realce. Os distritos do Jiangnan, na periferia da velha Xangai, abrigavam historicamente a maior concentração de chineses de educação elevada, aptos a assumir posições nos novos campos da administração e da vida intelectual (o jornalismo, por exemplo). A cidade transformou-se rapidamente no mais aberto dos centros de renovação política e cultural da China. Durante um século, seria lá que se articulariam praticamente todos os desafios à velha ordem imperial. Xangai foi o berço do nacionalismo chinês. Abrigou também o congresso de fundação do Partido Comunista da China. Ou seja, o fato de toda essa ebulição política e intelectual ter sido possibilitada pelo impacto "modernizador" da presença dos ocidentais na área das concessões, não impediu a contestação inclusive da natureza imperialista dessa presença.

A outra contribuição da China tradicional para os novos tempos, a ser posta em destaque, foi a dos clãs de cambistas que de velha da ta asseguravam na China, tal como acontecera na Europa medieval, a circulação do dinheiro. Em meados do século XIX, o principal desses clãs chineses era o dos cambistas de Ningpo, um porto próximo a Xangai especializado no contrabando. Quando Xangai começou a crescer sob as concessões, os cambistas de Ningpo tomaram a dianteira de outros clãs igualmente especializados, na abertura de agências em Xangai. Mostraram-se eles discípulos aplicados dos banqueiros ocidentais, de tal maneira que, na primeira metade do século XX, já as casas bancárias dos ningpos de Xangai controlavam uma extensa rede financeira estendida por toda a costa da China.

O período 1912-1927 foi marcado, na China costeira, por uma explosão de capitalismo selvagem, estimulada por fatores externos, mas com forte apoio na experiência dos segmentos de mercadores e artesãos locais. Bancos chineses foram-se consolidando, para os quais começou a convergir em grande quantidade o dinheiro da diáspora chinesa. Diante de um certo recuo dos capitalistas ocidentais, em conseqüência das perturbações ocasionadas pela Primeira Guerra Mundial, empresários chineses passaram a investir na criação de uma indústria de substituição de importações. A indústria têxtil em particular tomou impulso, e Xangai surgiu como importante base mundial das tecelagens de algodão, em dia com os avanços tecnológicos desse setor.

Todo esse progresso foi-se enleando com os desdobramentos das lutas intestinas entre nacionalistas e comunistas; da invasão da China pelo Japão, e da Guerra do Pacífico. Quando, no final dos anos 40, a cúpula militar e partidária do regime de Chiang Kaishek fugiu para Formosa, diante do avanço inexorável dos comunistas de Mao Zedong, a nata dos banqueiros e empresários de Xangai também se deslocou surpresas. Para a ilha de Hong Kong, não para Formosa.

Essa opção, aparentemente anódina, projetou-se em desenvolvimentos que estão na origem, precisamente, das recentes mutações na economia de HK. Para dar cor ao que aconteceu, vou usar as vividas palavras de um conhecido historiador da diáspora chinesa, Sterling Seagrave. Em *Lords of the Rim* (Bantam Press, New York, 1995), relata: "Os milionários de Xangai que fugiram para Hong Kong, em 1949, eram os cérebros financeiros e a elite empresarial da China, banqueiros e industriais com uma experiência de assuntos econômicos acumulada por gerações de famílias e clãs... Uma vez libertos das garras do KMT e fora do alcance dos burocratas comunistas, eles transformaram a colônia da Coroa em base sem paralelos das finanças internacionais. Foram os primeiros chineses a

dominar as modernas práticas ocidentais em matéria de bancos e comércio, habilitando-se a participar do jogo financeiro global segundo as regras do Ocidente. Situaram-se na crista das novas ondas de tecnologia que, nos anos 60, 70 e 80, introduziram transformações de alcance histórico nas forças que dirigem a economia mundial ... O uso da eletrônica nas operações bancárias e a nova tecnologia da informação possibilitaram a interligação das instituições financeiras e bancos chineses em Tóquio, Hong Kong, Taipé, Bangcoc, Cingapura, Kuala Lumpur, Manila e Jacarta, criando uma China Ultramarina conectada por velozes fluxos transfronteiriços. Os homens de Xangai foram a vanguarda da grande explosão econômica da Ásia." (pp. 217/8).

Eles chegaram a HK no momento em que a intervenção da China na Guerra da Coréia dera ensejo aos EUA para impor aos seus aliados a suspensão do comércio com a RPC. A posição clássica de HK como o entreposto desse comércio extinguiu-se de súbito, deixando os bancos locais desesperados por novos clientes, e um grande vazio na economia da colônia. Os banqueiros e empresários de Xangai preencheram rapidamente o claro. Fundaram as primeiras fábricas de tecidos de HK, logo desdobrando-se para a indústria da confecção. Com o aporte de outros migrantes, como o cantonês Li Kashing (reputado hoje um dos homens mais ricos do mundo), multiplicaram-se outras manufaturas, marcadas todas pela utilização do trabalho barato e o elevado potencial de comercialização externa: brinquedos, perucas, objetos plásticos, eletrônicos de consumo de massa.

A Guerra da Coréia teve, no Pacífico Ocidental, papel equivalente ao do Plano Marshall na Europa do pós-Segunda Guerra Mundial. Dela partiram as linhas-de-força que definiram a Guerra Fria no Leste Asiático, e foi através dela que os EUA impulsionaram a reindustrialização do Japão. As encomendas maciças das Forças Armadas americanas deram à burocracia estatal japonesa a oportunidade de revigorar seus vínculos com a indústria do país, possibilitando a novas repartições, como o MITI, assumir a coordenação da produção nacional com os mercados regional e internacional. O Estado desenvolvimentista da época da Restauração Meiji readquiriu força nova, no Japão, e serviu de modelo no surto de desenvolvimento econômico que segue fazendo do Leste Asiático a região mais dinâmica do mundo, nesta virada de século.

Colônia britânica, dirigida de Londres, HK não pôde abrigar sua própria versão do Estado desenvolvimentista. A vigência ali de regime econômico liberal, administrado por burocratas treinados para fazer girar uma economia capitalista, deu azo inclusive a que HK viesse a ser exaltada como exemplo definitivo de que não é necessária a ação estatal para o desenvolvimento dos países. A realidade é bem mais rica, porém, do que as simplificações

neoliberais. O surto dos chamados “tigres asiáticos” esteve muito preso ao aparecimento, no núcleo mesmo do capitalismo mundial, de tendências prenunciadoras do esgotamento do modelo americano da II revolução Industrial.

Inovações técnicas e na organização do trabalho foram permitindo, com efeito, que as novas indústrias (e algumas antigas, como a da confecção) segmentassem seu processo produtivo e suas necessidades de mão-de-obra, de maneira a poder deslocar as etapas elementares da produção para sítios distantes do núcleo diretor da firma. Inclusive em outros países. Assim foi que em 1961, a americana Fairchild abriu em HK a primeira implantação da nascente indústria dos semicondutores no Leste Asiático: uma fábrica para montar transistores. Quinze anos mais tarde já somavam mais de quarenta as implantações do gênero por toda a orla asiática do Pacífico, nove delas em HK.

Ou seja, as grandes firmas dos setores de ponta tinham começado a deslocar produção para a área sob exame não especialmente atraídas pelas virtudes liberais de HK, e sim porque fortaleciam-se, no Leste Asiático, governos capazes de oferecer aos investidores estrangeiros um ambiente capitalisticamente estimulante, servido por força-de-trabalho operosa e versátil, permanentemente no seu grau de instrução geral e de preparo técnico, ao mesmo tempo que disposta a se deixar recrutar por salários sempre inferiores aos vigentes nos países industrializados. Nesse particular de criação de um ambiente altamente favorável à realização de negócios, inclusive ajudando a manter baixo o custo da mão-de-obra no território, a administração colonial de HK atuou de forma muito eficaz. Proprietária de toda a terra do enclave, a administração retirava do sistema de *leasing* elevadas rendas que lhe permitiam tornar irrisórios os impostos e taxas cobrados de empresários e da população em geral. Controlando os aluguéis em parte do mercado de moradias, era-lhe possível prover, a preços subsidiados, moradia popular para cerca de metade dos habitantes. Desde o final dos anos 60, a administração colonial expandiu bastante os serviços sociais, a assistência médica barata e um sistema de ensino fortemente subvencionado.

O sociólogo Manuel Castells, que é um profundo conhecedor da evolução moderna de HK, chama a atenção para outro importante aspecto da atuação do governo do território, com impacto direto sobre a transformação de HK num dos quatro bem sucedidos novos países industriais (NPI) do Leste Asiático (os outros sendo, como é notório, Coreia do Sul, Taiwan e Cingapura). Lembra Castells como a estrutura industrial básica de HK, derivada do núcleo original de empresários têxteis de Xangai, chegados ao território no final dos anos 40 com pouco mais do que suas próprias habilitações, tomou a forma de uma teia de

pequenas firmas, ligadas entre si em redes de produção e de subcontratação, e que se revelaram extremamente aptas a entrosar-se, através de outras pequenas firmas especializadas em exportação/importação, com a demanda em contínua transformação de um mercado mundial em acelerada expansão.

Causa espanto, acentua Castells, como podiam esses pequenos empresários manter-se informados sobre o mercado internacional, de maneira a aprimorarem sua produção, renovarem suas máquinas e reajustarem sua produtividade. A explicação residiu em boa medida na intervenção do governo de HK, que organizou, por exemplo, a distribuição de quotas entre as firmas presas ao Acordo de Multi-Fibras; que estabeleceu, no território e no exterior, uma série de centros de treinamento e de in formação para exportadores; que criou linhas de credito; e que, diante das tendências protecionistas surgidas nos mercados dos industrializa dos, no final dos anos 70, elaborou um plano estratégico para o novo estágio de industrialização que se apresentava a HK (cf. Manuel Castells, "Four Asian Tigers With a Dragon Head: A Comparative Analysis of the State, Economy, and Society in the Asian Pacific Rim", in Richard P. Appelbaum & Jeffrey Henderson (eds), States and Development in the Asian Pacific Rim. Newbury Park: SAGE, 1992, p. 48).

Esse ensaio de política industrial ressentiu-se, em HK, da ausência de um Estado desenvolvimentista. Nos outros três NPIs do Leste asiático, colocados no final dos anos 70 diante das mesmas alterações no mercado internacional de manufaturas que afetaram HK, puderam os respectivos Estados reagir, elevando o valor agregado das suas exportações graças a intensificação do conteúdo tecnológico dos exportáveis. Em HK, não havia tradição de investimentos em C&T, da parte das pequenas e medias empresas típicas do território e muito menos da parte da administração colonial, e chegou a parecer que a economia local estava fadada a estagnar. HK atravessou, no entanto, os anos 80 mais próspera do que nunca, logo se tornando patente que a razão disso estava na China.

Por notável coincidência, em dezembro de 1978, Deng Xiaoping, ressurgido do seu segundo ostracismo, logrou obter da III Reunião Plenária do Comitê Central do Partido Comunista Chinês (PCC) a decisão de botar em marcha as chamadas Quatro Modernizações (da agricultura, da indústria, das forças armadas e das atividades de C&T). O objetivo central era entrosar a China com os avanços tecnológicos, econômicos e sociais que vinham sendo obtidos pelo Japão e outros países da orla asiática do Pacífico. Os reformistas em torno de Deng não tinham uma idéia precisa de como chegar lá ou do que era exatamente o alvo colimado.

Eles vinham, porém, estudando intensamente a experiência do Japão e dos NPIs do Leste Asiático, e já sabiam que o fundamental era descentralizar o poder decisório no plano da economia, restabelecendo as relações de mercado entre os indivíduos e as empresas. Em vez de baixar ordens administrativas, o Estado buscava implementar suas metas influenciando o comportamento das empresas e indivíduos de maneira a enfatizar relações horizontais, de mercado, e não as relações verticais, hierárquicas.

Paralelamente à liberalização da economia doméstica, a experiência dos asiáticos ia no sentido da intensificação e ampliação da abertura da economia nacional à economia internacional, e os denguistas vêm-se caracterizando pela implementação gradual e coordenada dos dois princípios em causa: reforma e abertura. No tocante à abertura, o primeiro passo foi a criação, logo em 1979, de quatro zonas econômicas especiais, territorialmente dispostas para interagir com o mundo chinês do Sudeste Asiático. Duas das ZEEs foram delimitadas de maneira que a de Shenzhen confinasse com HK e a de Zhuhai com o território de Macau. Uma terceira ZEE, situada na província de Guangdong como as duas primeiras, voltava-se claramente para os chineses étnicos do Sudeste Asiático, enquanto a quarta, na costa do Fujian, fazia face a Taiwan. A intenção evidente era incitar a diáspora chinesa a cooperar com o processo de modernização da China ancestral, não só através de investimentos, mas também transmitindo-lhe as técnicas e habilitações adquiridas pelas gerações de chineses que tinham estado mergulhados no grande mundo do capitalismo. Os ensinamentos ocidentais chegariam filtrados por uma vivência chinesa, reduzindo os riscos de poluição cultural.

Como é notório, o mundo chinês externo à RPC respondeu com entusiasmo à incitação de Deng Xiaoping. O intercâmbio comercial e os fluxos de investimentos avolumaram-se aceleradamente na região servida pelas ZEEs, a tal ponto que no fim dos anos 80 já se estava falando de uma área Econômica Chinesa, e surgiam inclusive especulações sobre a criação em prazo médio da República da China do Sul. Tornara-se igualmente claro que o processo de integração econômica regional desfechado pelos reformistas de Pequim abrigava o objetivo político de facilitar a reintegração, na Grande China de parcelas que a História dela separara: Taiwan, HK e Macau. E ficara patente que HK fora escolhida desde o início para servir de fulcro do processo de reunificação e catalisador do projeto maior de modernização da China unificada. Deng Xiaoping apressou-se a dar parte de forma irretorquível a Margaret Thatcher, quando da visita dela a Pequim em 1982, que chegara o momento do retorno de HK à soberania chinesa.



Fora posto em marcha o processo de sinização da economia de HK, a que me referi no começo desta exposição. HK nunca perdera, e certo, sua natureza básica de cidade chinesa, o século e meio de domínio britânico, vagas repetidas de migrantes da China continental tornaram inclusive desnecessário o recurso clássico do colonizador inglês de importar indianos para certas funções burocráticas e comerciais. Uma pesquisa de 1986 mostrou, por exemplo, que menos de 25% da população de HK falava algum inglês. O grande fato novo dos anos 80 veio a ser a mudança de guarda no topo da economia de HK. Os ingleses tinham apoiado o seu poder econômico sobre um pequeno grupo de taipans, magnatas à frente de meia-dúzia de sociedades interligadas: o Hong Kong and Shanghai Bank Corporation, casas comerciais como Jardine Matheson, Butterfield and Swire e Hutchison, a companhia das docas. O primeiro sinal de que essa estrutura estava periclitante veio logo em 1980, quando Li Ka-shing tomou o controle acionário da Hutchison. De lá para cá, uma plêiade de novos empresários, inclusive dos capitalistas chineses que em épocas anteriores haviam trabalhado em estreita cooperação com os ingleses, veio ocupando o firmamento financeiro de HK. Muito atentos à orientação política de Pequim e muito ocupados em contribuir para o êxito de sócios que vão amealhando fortunas no interior da própria RPC, à sombra do incentivo de Deng Xiaoping: "enriquecer e glorioso".

O caso chinês apresenta-se, assim, como variante expressiva do fenômeno estudado no Leste Europeu sob a designação de "aburguesação interrompida". Em países como a Hungria - dizem tais estudos -, o processo de surgimento da burguesia local foi cortado pela instalação do stalinismo; camponeses ricos em vias de aburguesar-se fizeram-se de mortos até as reformas liberadoras dos anos 80. Na China - conforme vim observando ao longo desta exposição - a vanguarda da burguesia, que se fortificava em Xangai antes da revolução comunista, logrou deslocar-se para HK e ali concluir sua maturação. O processo de aburguesação não foi totalmente sustado pelo maoísmo, acentua o Professor Wong Siu-Lum, da Universidade de Hong Kong. O movimento cindiu-se e a parcela que permaneceu no interior acomodou-se como burocratas do setor econômico estatal. As Quatro Modernizações levantaram algumas das barreiras ao aburguesamento dessa segunda parcela, dando-lhe aparentemente a liberdade de reintegrar-se no corpo maior. Desde que isso seja feito no exterior, vale dizer, sem complicar o domínio do partido, em Pequim. Ganha com isso maior clareza a fórmula de "um país, dois sistemas".

Assinalei mais atrás a coincidência entre o lançamento das Quatro Modernizações e o aparecimento de dificuldades na evolução de HK para NPI. Foi integrando-se na

dinâmica do reformismo denguista que pôde HK superar suas dificuldades. A ZEE de Shenzhen e, mais adiante, a criação do "triângulo de crescimento do Rio das Pérolas" forneceram a HK uma pujante hinterlândia, permitindo-lhe evoluir da condição de plataforma de exportação de manufaturas de baixo valor agregado para uma economia pós-fordista, apoiada na informação e nas telecomunicações. O desdobramento espacial de HK sobre a província chinesa de Guangdong impulsionou a reestruturação da economia do território, com a exigência inclusive de aperfeiçoamento educacional e técnico da mão-de-obra local. HK readquiriu sua posição de entreposto do comércio internacional da China, o que nas condições deste final de século implica as segurar o trânsito de fluxos financeiros, de mercadorias, tecnologias e pessoal especializado. HK tornou-se a cabeça de moderna rede de estradas e comunicações. a ligar uma vasta parcela do território chinês com o resto do mundo.

Os investimentos que no início dos anos 80 buscaram a recém-criada ZEE de Shenzhen logo se expandiram a toda a província de Guangdong e não tardou que se aventurassem por províncias adjacentes. HK cresceu como a praça financeira por onde transita o grosso dos investimentos diretos estrangeiros em demanda de aplicações na China. Entre 1979-1994, 53% dos 181 bilhões de dólares que convergiram para a China entraram como investimentos diretos. Dinheiro da diáspora chinesa, de multinacionais do mundo inteiro, e uma boa parte dinheiro do interior da China, circulando por HK para reentrar no país com as vantagens oferecidas aos investidores estrangeiros. A todos esses investidores HK fornece assistência insuperável, graças a suas conexões com os meandros do mercado chinês.

Ao transformar-se, a economia de HK vem também atuando como acicate de um poderoso surto de industrialização elementar na China, em zonas rurais e no nível de vilas e municípios. As reformas lançadas por Deng Xiaoping liberaram a fermentação mercantilista que sempre marcou a população chinesa, fornecendo aos pequenos e médios empresários de HK terreno fértil para sua própria expansão. Praticamente toda a indústria de baixo valor agregado do território foi transferida para Guangdong, onde se calcula que cerca de 5 milhões de trabalhadores estejam hoje a serviço de firmas de HK. Ali permanecem as atividades de gerenciamento e comercialização dos velhos setores industriais, lado a lado com empresas modernas voltadas para os computadores, os semicondutores ou as biotecnologias. Boa parte destas outras empresas resulta de associações entre capitais de HK e da RPC, numa oportuna combinação da reconhecida capacidade de pesquisa básica existente na China com o tino comercial e as ligações

mundiais dos empresários de HK. Avaliações de boa fonte afirmam que o fluxo de capitais procedentes da China para investimento em setores industriais de ponta, ou em serviços como bancos, seguros, navegação e aviação já é superior ao fluxo de investimentos de HK para a China.

Os dados reunidos no parágrafo anterior permitem que se distingam duas dimensões na contribuição de HK para o processo de transição da China, de uma economia centralmente planificada para economia apoiada no mercado. E para tornar isso mais claro, trarei à colação a tese de Fernand Braudel, que vê o capitalismo como a camada superior de uma estrutura em três patamares. A camada mais inferior é a de uma economia extremamente elementar e auto-suficiente, que Braudel chama a vida material. Acima dela vem o pujante terreno da economia de mercado, com suas múltiplas comunicações horizontais e uma certa medida de coordenação automática entre a demanda e os preços. O verdadeiro lar do capitalismo, sempre segundo Braudel, e a camada mais de cima, a zona do antimercado, onde circulam os grandes predadores e vigora a lei da selva.

Na primeira das duas dimensões assinaladas, temos as pequenas e médias empresas de HK fornecendo saber-fazer, capitais e conexões internacionais para dar impacto global à reativação da economia de mercado, ocorrida na China em função das Quatro Modernizações. Nessa dimensão, HK a e metrópole chinesa, plenamente empenhada na industrialização do país maior.

Mas HK é também, sem qualquer favor, uma das cidades-globais que parecem destinadas a dar sustento à economia globalizada de começos do século XXI. Essa posição foi conquistada em boa medida graças à evolução, no território, da elite empresarial de Xangai que para ali se deslocou no final dos anos 40. Como to bem descrito na citação que fiz de Sterling Seagrave, os banqueiros chegados de Xangai fizeram de HK a cabeça do capitalismo internacional chinês e um centro financeiro mundial, ponto de encontro dos impulsos chinês e japonês na conformação do arquipélago capitalista asiático.

Nesse nível do verdadeiro capitalismo, não são as incitações espontâneas do mercado que fazem mover-se os investidores. As grandes firmas chinesas de HK mantiveram-se grandemente ausentes do surto de industrialização da China do Sul. Foi somente após a famosa excursão de Deng Xiaoping, já quase nonagenário, por cidades meridionais e Xangai, em janeiro de 1992, que os magnatas de HK lançaram-se pressurosos a investir em grandes projetos de infra-estrutura e comércio, boa parte deles em Xangai. Deng Xiaoping convencera os capitalistas de HK que as reformas chinesas tinham vindo para ficar e que havia muito dinheiro a ganhar, na China.

Para concluir, vale ainda assinalar o efeito a contrario que veio tendo a tão comentada evasão de cérebros de HK, à medida que se aproximava a reversão à soberania chinesa. E fato que levou de profissionais liberais, refletindo a recusa de seus pais e avós de viverem sob regime comunista, dispersaram-se pelo Canadá, EUA e Austrália, precipuamente. Os laços familiares e clânicos com HK e a China não foram cortados, porém, Os pais e avós mantêm-se física ou financeiramente testa dos negócios, em HK, e os filhos e netos, agora formados nas melhores universidades do Ocidente, surgem como efetivos esteios da vasta rede de chineses étnicos que estão remodelando a costa ocidental da América do Norte (cidades como Vancouver e Los Angeles, em particular), e garantindo a HK a posição de cidade global, no centro dessa rede.